

Sobre o porquê da pulsão de morte, na obra de Freud e na psicanálise

Luiz Marcírio Machado¹

Resumo: O autor analisa as razões que justificaram o texto *Além do princípio de prazer*, no qual Freud introduziu a sua “segunda teoria das pulsões” e que serviu para a mudança em direção a uma “segunda tópica”, a chamada “viragem dos anos vinte”.

Discorrendo sobre vários textos freudianos, procurou demonstrar que Freud sempre buscou construir uma teoria dualista e dinâmica das forças pulsionais e que culminou no referido texto de 1920, na proposta de uma pulsão de morte em oposição às pulsões vitais reunidas em Eros.

Tal proposta, que não teve unanimidade entre analistas do próprio entorno de Freud, foi motivada por razões de ordens teóricas, clínicas, filosóficas e históricas, e originaram posições distintas nas escolas psicanalíticas que cresceram após o referido texto.

Palavras-chave: Metapsicologia. Princípio de constância. Princípio de Nirvana. Princípio de prazer. Processo primário. Processo secundário. Pulsão. Sexualidade. Tópicas.

¹ Membro titular didata da Sociedade Psicanalítica de Pelotas. Membro pleno da Associação Psicanalítica Sigmund Freud de Porto Alegre. Membro do Board Latino-americano para o Estudo da Obra de Donald Winnicott. Membro convidado da SBPdePA.

Comemora-se, neste ano, o centenário do livro *Além do princípio de prazer*, importante componente da obra de Freud, bem como necessária contribuição ao desenvolvimento do pensamento psicanalítico após 1920.

Ao considerar o texto que introduziu a última teoria das pulsões e a sua segunda tópica, a chamada “virada dos anos vinte”, trouxe suficientes inovações no que tange à produção de reações, desde aceitações permanentemente reconhecidas até rejeições de diversos tipos, entre os analistas do próprio entorno freudiano.

Além das reações causadas e de suas razões, cumpre analisar os fatores que determinaram a introdução dessa obra no universo teórico e clínico, sempre tão original e destemido, ao ponto de não hesitar em corrigir-se sempre que novas “especulações” parecessem ser necessárias.

O texto supracitado parece ter sido provocador e até estranho para seu próprio autor, quando este o estava preparando. Em uma comunicação em 12 de maio de 1919, confessa a Ferenczi sua “estranheza” com relação ao texto que estava concluindo e, mais adiante, em 2 de abril, anunciou a Lou Andreas-Salomé:

O que é feito da minha Metapsicologia? Em primeiro lugar, ela não está escrita . . . mas se eu viver ainda dez anos . . . posso prometer-lhe adicionar a essas, outras contribuições. Uma das primeiras desse gênero estará contida em *Além do princípio do prazer*. (Mijolla, 2005, p. 48)

Antes de desenvolver propriamente a tese que levou à postulação de uma pulsão de morte, no início do capítulo IV, Freud dá mais uma demonstração do que considera um caráter especulativo de tudo que o está inquietando nessa profunda revisão de sua metapsicologia:

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará. (Freud, 1920/1976i, p. 39)

Essa também parece uma justa maneira de acompanhar nosso autor ao longo desse instigante, ousado e altamente questionável texto.

Ao avaliarmos as motivações que se constituíram no porquê das inovações desse artigo, em especial a contestada pulsão de morte, vamos tentar enumerá-las conforme costumam ser expostas tanto por Freud como por alguns comentaristas.

Podemos subdividi-las entre:

1) Razões de ordem da própria teoria metapsicológica.

- 2) Razões de ordem clínica.
- 3) Razões de ordem filosóficas.
- 4) Razões de ordem existencial e históricas.

1) RAZÕES DE ORDEM TEÓRICA

Aqui, certamente, residem as principais razões para algumas profundas modificações nas teorias anteriores ao texto de 1920. São elas da ordem:

- a) Da teoria das pulsões.
- b) Da teoria da Agressividade.
- c) Da primeira “Tópica”.
- d) Da teoria dos sonhos.

2) RAZÕES DE ORDEM CLÍNICA

Ainda que essas novas observações sobre o trabalho analítico tenham estado sempre na dependência das especulações teóricas, algumas conclusões parecem ter tido uma independência, própria de avaliações clínicas e seus achados. São elas:

- a) A revisão da teoria da transferência.
- b) A “compulsão à repetição”.
- c) A reação terapêutica negativa.

3) RAZÕES DE ORDEM FILOSÓFICAS

a) A influência de Gustav Fechner e Hermann Von Helmholtz (Princípio de constância).

b) A influência de Arthur Schopenhauer (princípio do Nirvana. Vontade de poder).

4) RAZÕES HISTÓRICAS E PESSOAIS

- a) Freud e a guerra.
- b) Perdas pessoais.

1) RAZÕES DE ORDEM TEÓRICA

Mais do que rever a definição de Freud sobre pulsão ou impulso como uma forma de energia circulando no organismo psíquico e suas características a nossa intenção, aqui, cabe traçar uma trajetória que acompanhe o seu esforço em estabelecer os seus modos de distribuição no aparelho psíquico e seus antagonismos ao longo de sua obra.

É conhecida a sua intenção de lidar sempre com uma teoria dualista, que justificasse a noção de conflito psíquico. Ademais, era uma ideia presente nos meios científicos do século XIX abordar os fenômenos psicofísicos como resultantes do antagonismo de forças e tendências.

Assim sendo, vamos observar desde os primeiros escritos de Freud, quando intuiu uma forma de energia de natureza sexual para estabelecer uma segunda modalidade de estímulos, oriundos de outra parte do organismo, que estivesse em antagonismo ou, ao menos, refreasse a livre manifestação daquela que passou a chamar-se libido. Podemos identificar para fins didáticos três períodos em suas duas teorias das pulsões. Um primeiro no qual havia uma pulsão propriamente caracterizada como sexual responsável por toda modalidade de comportamento humano desde a sexualidade infantil até a adulta. Foi o período da afirmação da sexualidade, principalmente, responsável pela etiologia das neuroses. Seu texto mais específico foi *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1976c), publicado em 1905 e, durante vinte anos, modificado e acrescido por seu autor, demonstrando assim toda a importância que teve a teoria da sexualidade para este. Durante esse período sua força antagônica estava a cargo das pulsões de “autoconservação”, referidas como “um conjunto de necessidades orgânicas” cuja principal era a fome, como repetia Freud, “na linguagem do poeta as duas forças que moviam o ser humano o amor e a fome” (Freud, 1920/1976i, p. 71).

Ainda que de pronto as funções de autoconservação tenham sido atribuídas ao ego, a ideia de uma pulsão do ego ainda não tinha a mesma conceitualização rigorosa das pulsões sexuais, permanecendo um tanto vaga, como, aliás, estava até então a própria definição de ego, durante o que se convencionou chamar de “primeira tópica”.

Podemos, portanto, nos perguntar onde se situam os impulsos agressivos dentro desse predomínio tão evidente da libido sexual. A resposta está no próprio texto mencionado, quando Freud se refere ao sadismo e ao masoquismo como formas de perversão. Vejamos o que escreveu em tais parágrafos:

A história da civilização humana mostra . . . que há conexão íntima entre crueldade e instinto sexual, mas nada foi feito no sentido de explicar a conexão, a não ser colocar ênfase sobre o fator agressivo da libido. Segundo algumas autoridades, esse elemento agressivo do instinto sexual é na verdade um vestígio de desejos canibalescos . . . ontogeneticamente a mais antiga das grandes necessidades do instinto. (1905/1976c, p. 161)

Freud, ainda, coloca uma nota de pé de página, acrescentada em 1915: “minhas observações sobre as fases pré-genitais do desenvolvimento sexual confirmam esta opinião.” (p. 159)

Da mesma forma como expõe o componente agressivo da libido como um ingrediente “canibalístico” da fase oral, ele vai discorrer sobre o sadismo e o masoquismo como integrantes das pulsões parciais na fase anal e responsáveis pelos comportamentos ativo e passivo.

Freud colocará o sadismo como um elemento da sexualidade masculina, enquanto desejo de subjugar o objeto, e que somente vem a se constituir em perversão se vier a se tornar independente da libido como única forma de obter prazer. Ao mesmo tempo em que o polo passivo, qual seja a necessidade de ser colocado no lugar do objeto submetido à dor e à humilhação, o masoquismo, “mais distante ainda do objetivo sexual Normal”, ao que lhe parece nessa fase de sua obra, nada mais é do que uma extensão do sadismo, voltada para o próprio paciente. Em nota de rodapé acrescentada em 1924, portanto após o texto aqui evidenciado, Freud corrige essa última observação sobre o caráter “secundário” do masoquismo. Como veremos mais adiante, essa nova concepção de um masoquismo originário só vem com a ideia de uma pulsão de morte.

Como se pode observar, durante esse período em que a preocupação predominante é com a expansão da teoria da sexualidade como etiologia das neuroses, Freud não atribuí a agressividade a uma pulsão original. Referia-se a ela como elemento próprio da pulsão sexual, nos seus polos ativo (masculino) ou passivo (feminino) integrantes das pulsões parciais.

Ao invés de se referir a uma pulsão agressiva, nomeou, em algumas passagens, uma pulsão de dominação como integrante da pulsão sexual e como presente também nas pulsões de autoconservação.

Convém lembrar que Adler, em 1908, sugerira uma pulsão agressiva autônoma, distinta da libido – tese não aceita por Freud.

Um ano após, descrevendo um caso de fobia num menino de cinco anos, Freud atribuiu a hostilidade deslocada e investida com relação ao pai a uma ambivalência afetiva, de natureza edipiana, mas ainda aqui não atribuiu a uma dualidade pulsional (1909/1976d, p. 39).

Poucos anos depois da dissidência de Adler, foi a vez de Jung, por motivos semelhantes, discordar sobre o predomínio da sexualidade na origem das patologias psicogênicas (Roudinesco & Plon, 1998).

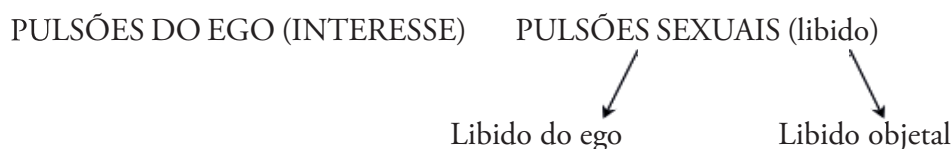
A oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego é estudada de uma forma especial nos textos nos quais Freud estabelece as distinções entre o princípio de prazer e o de realidade. O texto mais representativo talvez tenha sido o de 1911 (Freud, 1911/1976e).

Resumidamente, Freud enfatiza que, enquanto as pulsões sexuais permanecem no funcionamento do princípio de prazer, as pulsões de autoconservação ou do ego compõem o ego-realidade.

Estava assim construída a sua “primeira teoria das pulsões”. O conflito psíquico decorria da oposição entre a libido e uma instância recalcante, defensiva e representante do processo secundário.

Como foi proposto estabelecermos uma cronologia das teses de dualismo pulsional, com sua importância para chegar à última oposição e à introdução da discutida pulsão de morte, vamos a um segundo marco. Ele é lançado junto com a noção do narcisismo (Freud, 1914/1976g). A virada das pulsões do ego, para a libido do ego, mais do que um simples jogo de palavras, representou a “libidinização” de uma instância cuja energia até então era diferenciada como “interesse”.

É útil expor, aqui, o esquema apresentado pelo dicionário de Laplanche e Pontalis, para explicar como se apresenta esse novo enfoque das pulsões a partir da introdução do narcisismo.



Com o propósito de compreender a extensão dessa nova nomenclatura, no texto de 1914, o referido artigo (Laplanche & Pontalis, 1970), pergunta qual o sentido mais exato para o uso da preposição “do” que Freud refere quando propõe a “libido do ego”. É quanto à fonte que se refere, é uma libido originária do ego (narcisismo primário)? Ou é quanto ao objeto da pulsão que, nesse caso, após investir no objeto, reinveste o ego (narcisismo secundário)? Em outras palavras, é quanto ao ponto de partida ou quanto ao ponto de chegada que se posiciona o ego neste processo de investimento libidinal?

Partes das respostas a esses questionamentos não estavam prontas antes do texto que ora justifica nossa comemoração do seu centenário, elas vão ser objeto do artigo que inaugura a segunda tópica, em 1923, quando Freud volta a esclarecer que “o grande reservatório da libido é o id”. (Freud, 1923/1976j, p. 38)

O fato é que a proposição de uma libido do ego ou libido narcísica parece anular a antiga oposição entre uma pulsão de natureza sexual e as pulsões do ego não sexuais, tornando assim as pulsões decorrentes de uma única natureza e se aproximando do monismo pulsional, defendido por Jung.

A insatisfação com essa segunda proposta de um dualismo que permaneceu sujeito a questionamentos, deve ter colaborado, ao seu modo, para a verdadeira “segunda teoria da pulsão”, esta indubitavelmente dualista.

Pulsão de vida x Pulsão de Morte

Por fim, vamos ao texto que justifica um título que propõe que algo se coloca além do princípio de prazer, algo tão constantemente estudado em textos teóricos e clínicos até então.

Como propus na introdução deste trabalho, procurei alinhar razões de diversas ordens para responder a uma pergunta, a saber: Por que a pulsão de morte?

Vou seguir esse intento, examinando, agora, mais duas razões, uma de ordem ainda teórica e outra na qual devemos lançar mão de ingredientes clínicos.

A primeira tese é a de que foi preciso uma nova proposta dualista para que, enfim, Freud pudesse afirmar, sem subterfúgios, uma teoria da agressividade, independente da sexualidade.

A segunda liberdade que esta lhe trouxe, foi a de, por fim, desligar o conceito de repetição da ideia de desejo, contida nos sonhos, na regressão e na neurose de transferência. Essa nova proposta esteve por conta da introdução do conceito de “compulsão de repetição”, característica fundamental da pulsão.

Até então, a repetição estivera por conta da libido recalçada, e impedida de realizar os desejos sexuais da infância. Ela, assim, retornava teimosamente nos sonhos, nas formações substitutivas (sintomas) ou na transferência. Sempre obedecendo ao princípio de prazer. Esse princípio onipresente, desde os primeiros escritos de Freud, sempre representou a versão psicológica da primeira abordagem neurológica proposta em parceria com Breuer, o princípio de constância. Descreveremos mais adiante a origem desse princípio econômico, na neurofisiologia e na filosofia, ciências que influenciaram a ambos cientistas, ávidos por encontrar âncoras seguras para seus *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1895/1976b).

Agora, depois de revisar algumas situações clínicas, as quais parecem não estar suficientemente de acordo com os termos gerais do princípio de prazer, na medida em que aquilo que aparece na repetição está mais para o trauma do que para o desejo, e que, portanto, não descarregam adequadamente o excesso de estímulos no sistema consciente. Freud prepara o leitor (como, aliás, costuma fazer) para introduzir, no capítulo V, a sua tese revolucionária.

Existe algo na natureza última da pulsão que está além (ou aquém?) do que até então esteve contido no princípio de prazer/desprazer, que não se “contenta” com a redução do que excede em termos de quantidades no organismo, não se explica pela constância, pois visa mais que isso, tende a reduzir a zero qualquer estímulo que represente uma força vital. Seu objetivo é o retorno da matéria viva, ao seu estado anterior, qual seja, ao estado anorgânico.

Para melhor conceituar essa forma primitiva da pulsão, Freud chamou-a de “pulsão de morte”. A compulsão à repetição é a sua característica “demoníaca”, mais forte do que a libido, ou a autopreservação. “O homem morre sempre por causas internas”, afirma com uma identificação com o pessimismo de Schopenhauer.

Se algo ainda amaina essa tendência mortífera, tão poderosa e, na sua essência, independente, é o fato de que ela não se manifesta em forma pura, já que as pulsões sexuais, estando a seu serviço, dão-lhe um caráter erógeno, transformando a sua destrutividade primordial em sadismo, quando ela é ligada a um objeto, ou em masoquismo, se se mantém no interior do aparelho psíquico.

Ao contrário das forças ligadas à autoconservação (narcísicas) e a forças sexuais (objetais), que movimentam o aparelho psíquico, promovendo formações substitutivas e sonhos, a pulsão de morte age silenciosamente. Seu objetivo é desligar as forças vitais que estabelecem unidades mais compostas e complexas, devolvendo-as a um estado fragmentado e indiferenciado, próprio de um repouso energético (Nirvana).

Enquanto Eros é um conjunto de forças “objetalizantes”, a pulsão de morte é “desobjetalizante”, sendo, portanto, a razão última das tendências *auto* e *alo* destrutivas.

A razão de haver construído uma teoria tão determinista, que, como já referi no início deste trabalho, causou resistências entre seus próprios seguidores (Ernest Jones entre eles), esteve também motivada por observações recolhidas na clínica, onde se pôde observar que Freud, o analista que já estivera mais otimista com relação à colaboração de seus pacientes, começa a levar em conta a força negativa de um tipo de transferência, como a encontrada no que convencionou chamar de “reação terapêutica negativa”.

O fenômeno desconcertante é encontrado em algumas análises, nas quais a cada passo que poderia se constituir em um alívio do sofrimento neurótico resulta em recrudescimento dos sintomas e retrocesso do processo analítico. Tal resistência é atribuída a um sentimento inconsciente de culpa e a uma tendência masoquista, especialmente presentes nas situações em que a pulsão de morte se manifesta.

Essa mesma tendência a buscar o fracasso e o traumático Freud identifica em vivências descritas como compulsão de destino, ou neurose de destino, características que aparecem “como se fossem fatalidades do destino”, mas que são buscadas, ou facilitadas inconscientemente, pela compulsão de repetição.

Mas o pessimismo que esteve presente na vida de Freud, em especial por volta dessa data (1919/1920), também teve razões de ordem pessoal e históricas.

Freud e a guerra

Em diversos momentos Freud, revelou sua inconformidade com a violência praticada pelas civilizações, em nome de interesses políticos e econômicos.

A primeira Guerra mundial, ocorrida entre os anos de 1914 e 1918, que teve como epicentro a Alemanha e o império Austro-húngaro, contra países aliados, foi uma carnificina que deixou um saldo tanático de dez milhões de mortos. Certamente, isso influenciou o pessimismo que se evidenciou na proposição central desse texto de 1920, a pulsão de morte.

Ernest Jones, em sua biografia sobre a vida e a obra de Freud (Jones, 1970), testemunhou a grande desilusão que esse período lhe produziu. Cito algumas passagens, assim como um artigo escrito por Freud, em março e abril de 1915, aproximadamente seis meses após a eclosão dessa guerra (Freud, 1915/1976f).

Segundo Jones, em carta endereçada a Ferenczi, no mesmo dia em que o estopim desse conflito se confirmou, escreveu: “Estou escrevendo ainda sob o impacto do estupefaciente assassinato ocorrido em Sarajevo, cujas consequências não podem ser ainda previstas”. (Jones, 1970, p. 505)

“Na segunda semana da guerra, seu filho mais velho Martim, apresentou-se como voluntário ao Exército e foi incorporado como artilheiro”. Após um ano de guerra, seus outros dois filhos também foram para o front. Escreve Jones: “Naturalmente havia considerável angústia, relativamente aos filhos que se achavam em luta: Martim na Galícia e na Rússia, Ernest na Itália e Oliver empenhado em trabalhos de engenharia militar”.

Em 11 de novembro, aproximadamente cinco meses após o início da guerra, morre, em acidente ferroviário, o seu meio-irmão Emmanuel. Sobre esse fato, escreve Jones: “Isso deve ter representado para Freud um grande pesar, uma vez que a sua afeição pelo meio-irmão havia sido absolutamente ininterrupta desde a sua infância mais recuada” (p. 510).

No seu artigo, escrito seis meses após o início da guerra e intitulado *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, (Freud, 1915/1976f), com um subtítulo *A desilusão da guerra*, Freud escreveu:

O indivíduo que não é ele próprio um combatente e dessa forma um dente da gigantesca engrenagem da guerra - sente-se atônito em sua orientação e inibido em seus poderes e atividades. Creio que receberá de bom grado qualquer indício, por mais leve que seja, que lhe torne mais fácil encontrar seu rumo pelo menos dentro de si. Proponho escolher dois dentre os fatores responsáveis pela aflição mental sentida pelos não combatentes, fatores contra os quais constitui tarefa tão pesada lutar, e abordá-los aqui: a desilusão que essa guerra provocou, e a modificação da atitude diante da morte a que essa — como qualquer outra guerra — nos forçou. (p. 311)

Segue relatando Jones o estado depressivo que foi tomando conta de Freud à medida que este percebia que a guerra não tinha data para acabar. Referindo-se a uma carta que escreveu a Lou Andreas-Salomé, em resposta a uma dela, na qual tentava lhe incutir ânimo:

O que você escreve dá-me a coragem para comparecer com outro tom. Não duvido que a humanidade poderá superar até mesmo a presente guerra, mas tenho a certeza de que tanto eu quanto os meus contemporâneos nunca mais veremos, outra vez, um mundo de coisas alegres. Tudo é demasiadamente odioso. E o mais triste de tudo isso é que as coisas se mostraram exatamente como nós, psicanalistas, devíamos ter imaginado o homem e o seu comportamento. Devido a essa atitude nunca fui capaz de concordar com o seu jovial otimismo. Minha conclusão secreta é esta: uma vez que somente podemos encarar a mais alta civilização do presente como desfigurada por uma gigantesca hipocrisia, segue-se que nos achamos organicamente despreparados para ela. Temos de abdicar, e o Grande Desconhecido, Ele ou a Coisa, que se esconde de emboscada atrás do Destino, repetirá outra vez tal experiência, utilizando-se de outra raça. [Pode-se deduzir destas palavras já uma preparação para sua próxima introdução à pulsão de morte.] (p. 510)

Dentro dessas razões de ordem pessoal, é de se acrescentar a morte de sua filha caçula, Sophie, em janeiro do ano em que estava preparando o seu artigo, que neste momento estudamos. Sophie morreu em decorrência da gripe espanhola, outra tragédia que assolou a Europa, nem bem terminara a guerra.

A herança das ciências positivistas do Século XIX nas abordagens dinâmica e econômica da metapsicologia

Os conhecimentos da neurofisiologia, da psicofísica e da filosofia do século XIX, principalmente nos meios acadêmicos da Alemanha, notabilizaram mestres que se mostraram ecléticos por possuir um vasto e variado saber que incluía a física, a psicologia científica, a medicina e as “filosofias da natureza”.

Esses doutos personagens tinham em comum a missão de superar o idealismo romântico e a metafísica que até então impregnara os conhecimentos científicos.

Entre esses mestres, salientaram-se nomes que influenciaram toda uma geração de jovens, como o neurofisiologista Sigmund Freud.

Para os objetivos deste trabalho, importa citar os nomes de Helmholtz e de Fechner, pelas propostas de “conservação da energia” e de “estabilidade final dos sistemas”, respectivamente, que geraram o princípio de constância, explicação energética para o princípio de prazer.

Os enfoques Dinâmico (força) e Econômico (carga) estiveram presentes desde o projeto para uma psicologia científica e passaram a ser incorporados à metapsicologia, ao longo dos diversos textos que antecederam a última teoria das pulsões, em especial o trabalho que Freud dedicou “às pulsões e seus destinos” (Freud, 1915/1976h).

Até essa elaboração, permaneceram dentro de certa ambiguidade dois princípios; ambos para explicar o funcionamento do princípio de prazer e o processo primário: o antigo “princípio da inércia neurônica” (Projeto), que visa descarregar totalmente os estímulos e manter o nível de repouso perto de zero; e o princípio de constância, que explica a tendência a evitar estímulos excedentes (desprazer).

Essa dificuldade na aplicação de um princípio de base biológica e outro orientado pelo funcionamento psicológico (veja-se dois princípios do funcionamento mental) somente encontrará uma resolução coerente na última teoria das pulsões.

Agora, podem se diferenciar os dois objetivos dessa constância buscada pela “ligação da energia libidinal”. Com a reunião das pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, em “Eros”, o princípio de prazer “segue o seu destino”.

Em outras palavras, o princípio de constância, ainda que obedeça às condições gerais de uma pulsão, qual seja, “retornar a um estado anterior”, está a serviço das pulsões de vida e não tem como objetivo a descarga “ao ponto zero”. Esse objetivo continua sendo o mais primitivo apanágio da pulsão de morte, aquilo que no início de seus estudos, ainda em parceria com Breuer, foi designado como princípio de inércia.

No entanto, afastado de seu momento neurofisiológico, Freud não mais referiu-se assim a esse sistema que seria decorrente de “neurônios de escoamento livre” (1950/1976a, p. 396). Ao invés disso, tal princípio ganhou uma roupagem filosófica, devido à admiração que sentia pelo “grande filósofo Schopenhauer” (Freud, 1920/1976i).

O princípio de Nirvana, primeiramente referido pela psicanalista Barbara Low, fora estudado por Schopenhauer (2013), influenciado pelo ensinamento budista, que prega o absoluto repouso pela aniquilação do desejo. Nada mais adequado

para nomear a pulsão de morte que atua no interior do sistema psíquico, como uma força que destrói os elos que ligam ao objeto e que também, antes de se voltar para o exterior, ameaça destruir o próprio sujeito.

As repercussões da pulsão de morte no pensamento psicanalítico atual

Não poderia concluir sem referir as posições de algumas “escolas” que floresceram após o texto que encabeçou a chamada “viragem dos anos vinte”.

Como comentei de início, a concepção de uma pulsão de morte que passou a justificar, em última instância, a agressividade humana inata não agradou a uma parte significativa da comunidade psicanalítica.

As reações foram basicamente de três tipos, desde um uso indiscriminado e reducionista até um outro extremo, de negação absoluta, passando por posições intermediárias nas quais esse conceito foi minimizado em sua importância dentro do todo da obra freudiana.

Como já se pode depreender, num extremo esteve a obra de Melanie Klein, e da “escola de relações de objeto”, que passou por cima do principal legado do texto freudiano de 1920. A pulsão de morte não responde diretamente pela pulsão agressiva, ela só aparece clinicamente quando se junta com a pulsão de vida, especialmente a sexualidade, cuja fusão determina o masoquismo erógeno e o sadismo.

Klein, ao discorrer sobre as posições, fala sobre uma pulsão de morte que é precocemente registrada pelo ego do recém-nascido e defletida para objetos parciais, gerando ansiedades persecutórias e depressivas. Trata-se de uma pulsão de morte que se manifesta diretamente enquanto sadismo, e que já em “natura” é clivada da pulsão de vida que se dirige aos bons objetos (Klein, 1946). Pode-se dizer que, na escola de relação de objeto, não há espaço para um estudo evolutivo do ego.

No outro extremo, apesar de historicamente contemporâneo dentro da Sociedade Britânica, esteve Winnicott, que não aceitou a hipótese de uma pulsão agressiva inata e independente. Certamente que sua objeção foi mais dirigida ao reducionismo kleiniano do que ao âmago do pensamento de Freud, principalmente no que tange ao papel da musculatura e da ação como expressão do componente agressivo da pulsão (1990a).

Há coincidências também com as ideias de fusão de elementos agressivos com os eróticos. Fusão esta imprescindível para a manutenção do “verdadeiro self” (Freud, 1926/1976k). Mas, no todo da sua obra, Winnicott foi mais um teórico do self do que da pulsão, preferindo falar de uma “força vital”, que se

aproximou mais do Eros freudiano do que de seu dualismo pulsional (Winnicott, 1960/1990b).

Numa posição intermediária estão alguns franceses, por exemplo, Laplanche, que assinala como o novo dualismo pulsional participa pouco nos textos seguintes, quando Freud retoma a questão do conflito que se manifesta na etiologia das neuroses.

Cito duas passagens bem significativas:

Mais uma vez ainda fazemos a experiência de que as moções pulsionais, quando podemos traçar o seu percurso, se revelam como ramificações do Eros. Se não fossem as considerações salientadas em *Para além do princípio de prazer* e, por fim, as contribuições do sadismo para o Eros, ser-nos-ia difícil manter a nossa concepção dualista fundamental. (Freud, 1923/1976j, p. 43)

Laplanche e Pontalis (1970) comentam, a seguir, o texto de 1926, *Inibição, sintoma e angústia*, que revisa a teoria do conflito intrapsíquico e suas modalidades, no qual também é pouco salientado o papel da oposição entre os dois tipos de pulsões, às quais não é atribuído qualquer papel dinâmico.

Conclui-se que, nesses textos mencionados, nos quais Freud expõe sua segunda tópica, é o conflito entre o ego e o id que está ocupando a sua atenção e, posteriormente, ele comenta que não se pode atribuir nenhuma pulsão exclusiva para qualquer das instâncias em conflito, já que em todas elas o que existe é uma mescla das duas.

About the reasons of “death instinct” in Freud’s work and psychoanalysis

Abstract: The author proposes an analysis of the reasons that justified the text *Beyond the pleasure principle*, in which Freud introduced his “second theory of instincts” and which served for the change towards a “second topic”, the so-called “turning point of the twenties”.

Discussing several Freudian texts, he tried to demonstrate that he always sought to build a dualistic and dynamic theory of instinctive forces and that culminated in the 1920 text, in the proposal of a death instinct in opposition to the vital instincts gathered in Eros.

This proposal, which was not unanimous among analysts from Freud’s own surroundings, was motivated by theoretical, clinical, philosophical and historical reasons, and originated different positions in the psychoanalytic schools that grew after the text.

Keywords: Constancy principle. Instincts. Metapsychologie. Nirvana principle. Pleasure principle. Primary process. Secondary process. Sexuality. Topic.

Referências

Freud, S. (1976a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Freud, S. (1976b). Estudos sobre a histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

Freud, S. (1976c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (1976d). Análise de uma fobia numa criança de cinco anos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)

Freud, S. (1976e). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)

Freud, S. (1976f). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1976g). Sobre o narcisismo - Uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1976h). Pulsões e seus destinos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1976i). Além do princípio de prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (1976j). O Ego e o Id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1976k). Inibição, sintoma e angústia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Jones, E. (1970). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *Obras completas* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Martins Fontes.
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schopenhauer, A. (2013). O mundo como vontade e como representação (Vol. 1). São Paulo: Ed. Unesp.
- Winnicott, D. W. (1990a). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1990b). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In *O ambiente e os processos da maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1960)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 01/06/2020

Aceito em: 08/06/2020

Luiz Marcário Kern Machado
Rua Mariante, 239 / 405
90430-181 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: marciriomachado@hotmail.com